

Verba em discussão

Marcelo Ferreira 6.8.04

O Ministério da Saúde estuda a possibilidade de trazer um técnico do Center of Disease Control and Prevention (CDC) — organismo internacional para o controle e prevenção de doenças que fica nos Estados Unidos — para acompanhar o estudo ambiental, ainda em processo de negociação. De acordo com a bióloga Miriam dos Anjos Santos, diretora de Vigilância Ambiental, as análises podem durar mais de um ano e dependem da liberação de verbas.

“Só existe um estudo na América Latina, na Argentina. Para colocá-lo em prática dependemos de recursos, que estão sendo discutidos entre a secretaria e o governo federal”, afirma. “Independente disso, estamos reunindo o maior número possível de informações de cada área durante essa investigação epidemiológica”, diz.

Com o estudo ambiental será levantado o comportamento dos roedores em cada área com local provável de infecção definido, os fatores que levaram à proliferação da doença, o percentual de ratos contaminados, corredores de acesso, se há vegetação similar em cada ponto de contaminação, preferência alimentar, entre outras análises. Com a definição dos hábitos alimentares, por exemplo, é possível aprimorar a campanha de prevenção incluindo a lista de alimentos prediletos dos roedores. Já se sabe que os ratos têm preferência por sementes do capim braquiária.

Esta é uma das hipóteses para a proliferação dos roedores no DF. Com o elevado volume pluviométrico registrado este ano — 49% maior que em 2003 —, esse tipo de capim cresceu abundantemente. A grande oferta de alimentos aumenta a reprodução dos ratos. Superpopulação já comprovada por estudos feitos pela Vigilância Ambiental, nos moldes da Organização Mundial da Saúde



MIRIAM AVALIA QUE O ESTUDO AMBIENTAL DEVE DURAR UM ANO

(OMS), que medem os níveis de infestação.

Expansão imobiliária

Tanto no DF como em Goiás os técnicos constataram a presença do capim braquiária na maioria dos possíveis pontos de infecção visitados durante a investigação epidemiológica. Segundo o médico veterinário Denizard Abreu Delfino, integrante da Coordenação do Controle da Hantavirose da Secretaria de Saúde de Goiás, há ainda outra semelhança em três regiões já analisadas. “Percebemos que ação do homem está ligada à proximidade com os roedores silvestres”, avalia Delfino.

Em Santo Antônio do Descoberto e em Valparaíso, segundo o técnico, existem expansões imobiliárias invadindo a zona rural. “Fica até difícil definir o que é região urbana ou rural em muitos pontos”, diz. Em Cristalina, uma vítima morava num assentamento, aberto no meio da mata, a 80km da cidade. Já a Secretaria de Saúde do DF apenas antecipou que existem dois tipos de cerrado nas áreas visitadas: com vegetação nativa e de cerrado modificado com pastagens.